

O direito de dizer não ao sofrimento

Author(s):

[João Semedo](#) ^[1]

Show Author Info?:

0

Poderia alguém, que não um médico ou profissional de saúde, escrever o texto sobre Eutanásia publicado na edição de 10 de dezembro da revista *Sábado*? Talvez, mas julgo que seria muito improvável. Aquela ?confissão?, não se tratando de ficção literária, tem a ?marca? de uma bata branca. Porquê? Pela proximidade ao sofrimento, pela convivência multiplicada vezes sem conta com a dor e a morte, pela frustração tantas vezes repetida de querer mas não poder tratar e curar ou tão simplesmente ajudar a aliviar o martírio, realidades que marcam o dia a dia dos hospitais, lares ou asilos deste país mas que estão muito para além da vivência pessoal do cidadão comum.

A grande maioria das pessoas foge da morte a sete pés ? no duplo sentido de não querer morrer nem tão pouco pensar nisso ? seja da sua própria morte ou da morte dos que constituem o seu pequeno mundo de relações e afetos. Ao contrário, os médicos, os enfermeiros, enfim todos aqueles que fazem de tratar da saúde dos outros a sua profissão, são companhia frequente ? quantas vezes única ? nos momentos trágicos e atormentados do fim de vida dos seus doentes.

Não admira, pois, que essa experiência intensa e dramática se traduza em narrativas tão impressionantes como a que lemos na revista *Sábado*. Fala da morte quem a conhece, escreve sobre a dor quem a trata, conta-nos o sofrimento quem dele está perto. Não vejo melhor forma de chegar à verdade sobre o fim de vida de tantos e tantos seres humanos.

E é de verdade que este debate deve ser feito. De verdade, sim, não de preconceitos redutores, princípios arbitrários, imposições unilaterais ou generalizações abusivas. Quanto mais difícil é o debate mais verdade ele nos exige. Escrevo estas linhas em obediência a essa exigência.

O fim de vida é muitas vezes o período mais doloroso de toda uma vida, dor e sofrimento que só mesmo a morte consegue interromper. Há quem sofra muito, mesmo muito, antes de morrer. E, no entanto, é um sofrimento absolutamente inútil e gratuito pois dele não resulta qualquer melhoria, qualquer evolução, são situações sem qualquer expectativa que não a morte.

Os progressos da medicina são fantásticos, sem dúvida. Sei muito bem disso. Mas, até hoje, não conseguem eliminar completamente e em todas as circunstâncias quer a dor física quer o sofrimento psicológico e, muito menos, travar a degradação própria da fase final, sobretudo

em certas doenças. O progresso dos cuidados paliativos não é negligenciável mas devemos reconhecer que, nas fases mais adiantadas, o melhor que conseguem é remeter a pessoa para um estado de inconsciência e incapacidade geral que nada tem a ver com a pessoa tal como ela foi durante a sua vida. Há um corpo, sim, mas já não há pessoa, em boa verdade.

E se já hoje temos o direito a recusar este ou aquele tratamento ou exame, seja qual for a razão invocada para essa recusa, não é aceitável que esse direito nos seja retirado quando a vida se aproxima do seu fim e nada mais dela temos a esperar que não seja mais dor, mais sofrimento e mais agonia. Em nome de quê e por decisão de quem pode ser desrespeitada a vontade livre e conscientemente afirmada de uma pessoa que não quer continuar a suportar o doloroso e arrastado sofrimento a que a doença a condena na fase final da vida? Se, para acabar com o sofrimento não há qualquer outra alternativa que não seja interromper a vida, quem tem legitimidade de impedir que alguém o faça ou peça que o façam, se for essa a sua decisão livre, informada e consciente? Em nome de quê se pode obrigar uma pessoa a suportar um sofrimento terrível, uma agonia martirizada, de que só a morte a pode libertar?

Respondem-nos que a vida é um bem absoluto ? divino ou supremo, na linguagem de outros. Mas, para todos, um direito absolutamente intocável, protegido por uma ética superior que se sobrepõe à vontade da própria pessoa, uma moral possuída de uma legitimidade que transcende e se impõe à consciência e individualidade de cada um.

Se a vida é um direito do indivíduo ? e não tenho qualquer dúvida sobre isso ? então cada indivíduo, e só ele, pode decidir sobre a sua própria vida. Se assim não for, se admitirmos que o exercício desse direito pode ser definido por outros, com critérios decididos por outros que não o próprio, então, o direito à vida deixa de ser um direito individual e transfigura-se num dever geral e universal, um direito esvaziado por força desta ética da obrigação.

Por mim, defendo uma ética da liberdade, porque só ela permite que seja cada um a fazer as escolhas que a sua vontade e consciência ditam, tanto na vida como na morte. Quero poder dizer não ao sofrimento. Eu e todos que o desejem.

*Artigo publicado na revista **Sábado**, solicitado como reação ao testemunho inédito de um médico português que admitiu ter praticado eutanásia, publicado na edição daquela revista no passado dia 10 de Dezembro.*

Sumário da Home:

Em nome de quê e por decisão de quem pode ser desrespeitada a vontade livre e conscientemente afirmada de uma pessoa que não quer continuar a suportar o doloroso e arrastado sofrimento a que a doença a condena na fase final da vida?

Lead:

Em nome de quê e por decisão de quem pode ser desrespeitada a vontade livre e conscientemente afirmada de uma pessoa que não quer continuar a suportar o doloroso e arrastado sofrimento a que a doença a condena na fase final da vida?

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)

- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/opiniaao/o-direito-de-dizer-nao-ao-sofrimento/40192?page=0>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/autor/jo%C3%A3o-semedo>